

## O Problema do Mal em Dostoiévski: destino trágico da Liberdade humana

Ms. Jacqueline Sakamoto<sup>1</sup> (PUCSP)

### Resumo:

*Dostoiévski não tratou o mal em suas obras do ponto de vista da lei. Ele buscou reconhecer o mal. Reconhecimento como um caminho que o homem deve seguir, seu destino trágico, destino de sua liberdade, e experiência suscetível de levá-lo ao conhecimento de si mesmo. Experiência interior que acaba por demonstrar o Nada do mal, e que no decorrer desta experiência o confunde e o consome. Pois, para o autor, não se expia o mal por um castigo exterior, mas pelas conseqüências inelutáveis que traz em si, e que deve sempre ser compreendido no eixo da liberdade humana.*

**Palavras-chave:** Dostoiévski, Liberdade, Mal, Os Demônios

Em nossa época atuam forças inumanas, espíritos de elementos desencadeados, esmagando o homem, obnubilando-lhe a imagem. Não é mais o homem que hoje é liberto, mas os elementos inumanos que ele desencadeou, e cujas vagas de todos os lados o flagelam. O homem tinha recebido sua forma e sua identidade sob a ação dos princípios e das energias religiosas. O caos em que perecia sua imagem não podia ser superado por forças puramente humanas. Era também função das forças divinas a elaboração de um universo humano. Tendo-se, para o fim, desprendido da potência de Deus e renegado seu apoio, o homem da história moderna tomba outra vez no caos, compromete-se sua imagem e suas formas vacilam. A energia criadora do homem não se concentra mais, pulveriza-se. A constituição de um reservatório de energia criadora supõe a conservação das formas da identidade humana, supõe os limites que distinguem o homem dos estádios informes e, pois, inferiores. Este reservatório se fendeu e a energia humana dispersou-se. O homem perde suas formas, suas delimitações, não é mais protegido contra o mal infinito do mundo caótico. (BERDIAEFF, 1936, pp. 70-71).

A primeira impressão que se tem na leitura de *Os Demônios* (DOSTOIÉVSKI, 2004) é de incongruência, desarmonia e desfiguração. Tudo é o que não deveria ser. Intelectuais não são intelectuais, governadores não governam, e as relações familiares são desemaranhadas. Assassinato é considerado fidelidade; feiúra, beleza; blasfêmia, religião; erro, verdade; e um milhão de cabeças reunidas num agitado aglomerado é a visão do milenarismo social. Algum tipo de medida foi perdido; a proporção imperceptível; e a dignidade e identidade pessoal esquecida. Todos e tudo estão de alguma maneira mutilados. O mundo se abre numa pequena e desconhecida província onde monstros – pequenos, grotescos, cômicos, sérios, e impotentes – correm e trazem os demônios à tona. *Os Demônios* fala sobre homens que esqueceram quem são e por que são. Isto é fato e profecia. (cf. WASIOLEK apud DOSTOEVSKY, 1968).

Palavras são destacadas das coisas, idéias da substância e o homem do mundo. Se alguém escutar atentamente o ruído e a comoção, a retórica e a confusão, escutará ao final somente o silêncio espectral do mundo. A retórica de Stiepan Trofímovitch não tem substância, e a torrente de palavras de Piotr soa silêncio, assim como, suas ações provocativas que levam ao nada. Piotr expõe planos e procedimentos de um programa fantasma, ele preenche todo o país com uma rede de quintetos que sequer existe; e ao final, ele mesmo desaparece como se nunca tivesse existido. No centro deste

mundo está Stavróguin fixo num silêncio e numa calma glacial. O silêncio flui dele e para ele infectando e provocando a aderência de homens com crenças deformadas que serão em seguida descartados. Stavróguin foi além das palavras e das paixões, da criação e da destruição. Fé e não fé. Seus lábios são selados por um segredo onde todas as palavras e todos os atos do mundo nada valem. Sobre ele somente balbucios e atos descontrolados, e em si mesmo ele parece ser significado na insignificância. Ele é sábio com uma sabedoria que não é sábia. E forte na fé que toda fé pode ser abalada. Ele segue buscando e rejeitando, acreditando e desacreditando, até onde nada mais resta a não ser o vazio de sua alma. Para sempre a coragem, a vontade, e a violenta honestidade das questões de Stavróguin levarão ao vazio e à aniquilação. Sozinho Stavróguin é real, e irreal. Tragédia e política vêm juntas com a união de Piotr e Stavróguin. Piotr destrói o mundo em torno dele e Stavróguin destrói o mundo dentro dele. Eles são corpo e alma, ruído e silêncio, destruição e descrença. (cf. WASIOLEK apud DOSTOEVSKY, 1968).

*Os Demônios* é um romance difícil e magnífico, um romance profético sobre o destino da Rússia e sobre o século XX. A negatividade devastadora de seus personagens não são expressões de um mal abstrato e metafísico, ao contrário, são expressões vívidas e concretas ao longo do romance da perfeita liberdade da vontade humana. Na plenitude de tal liberdade a personalidade humana é destruída, a solidão se instala, a ligação entre os homens é cortada e as bases sociais abaladas. Dostoiévski nos apresenta um brilhante *insight* do estado de declínio e inadequação da alma mutilada e espiritualmente impotente. Deslocado o centro da gravidade para a liberdade da vontade humana, emancipado das potências de Deus, os homens passam a voar pelo espaço.

“O objetivo da arte não é, como comumente se imagina, expor idéias, difundir concepções ou servir de exemplo. O objetivo da arte é preparar uma pessoa para a morte, arar e cultivar sua alma, tornando-a capaz de voltar-se para o bem” (TARKOVSKIAEI, 1998, p. 49). Percurso que para Dostoiévski pressupõe o reconhecimento do mal dentro de nós mesmos. Em *Os Demônios* ele não usa descrições, mas, participa ele próprio de sua criação, e coloca em relevo a desfiguração plena do mundo: quando os seres humanos, descolados da realidade, passam a acreditar que podem ser fonte da imagem do mundo, como nos projetos revolucionários sociais ou científicos racionais acabam por realizar o Nada. O efeito deste conhecimento é expresso como choque, onde a percepção da dor da destruição do mundo compõe o universo da literatura russa do século XIX. E neste sentido, a imagem artística revelada por Dostoiévski em *Os Demônios* mantém a consciência do infinito, está ligada a uma verdade espiritual absoluta, e poderíamos ainda dizer que em Dostoiévski a “Arte é uma Homília” (GÓGOL apud TARKOVSKIAEI, 1998, p. 55).

Schnaiderman (DOSTOIÉVSKI, 2000), em seu prefácio a *Memórias do Subsolo*, nos indica que toda trama presente nas obras de Dostoiévski, por mais particulares que nos pareçam, considerando a ligação dos temas aos acontecimentos reais, tem sempre uma amplitude de caráter geral e elevado. “O caso particular, como ocorre freqüentemente em Dostoiévski, traz implícita a referência a uma problemática filosófica” (p. 9). E é neste sentido que consideramos com Pondé, a importância para as Ciências da Religião, que no lugar de definir seus objetos possa “infinitamente dar a palavra a essas pessoas religiosas, que constituem seu ‘objeto’, só sendo capaz de conhecê-las à medida que falem” (2003, p. 161). Assim, neste trabalho, procuramos tratar a filosofia da religião em Dostoiévski como um testemunho, que nos revela não só uma poderosa crítica religiosa aos desdobramentos do ateísmo moderno, mas ainda, ampliando nosso repertório num diálogo consistente entre religião, educação e moral. Optamos, por um percurso que toma como ponto de partida as reflexões e referenciais presentes em *Crítica e Profecia* de Ponde (2003), e dentre os referenciais, privilegiamos os comentários de Nicolai Berdiaev, porque nos levará a problemática principal das obras de Dostoiévski: a liberdade inscrita na alma como um conceitual interno ao universo cristão.

Importante ressaltar que em sua unidade, Dostoiévski é especificamente russo, e sua obra uma interpretação russa do universo. Ele reflete todas as contradições e antinomias do povo russo – o povo teóforo, portador de Deus-, sendo que, a arquitetura espiritual da alma russa pode ser seguida

e estudada em sua obra. Sendo, justamente por ele, que os russos podem reconhecer suas tendências e seus pecados. E eis aqui a causa de tanto interesse e estranhamento que provoca nos ocidentais: procuram nele uma revelação de ordem geral com base nas questões tão enigmáticas do mundo Oriental russo. Compreender Dostoiévski é assimilar parte essencial da alma russa, do segredo da Rússia.

A afirmação que nesta alma a geografia física corresponde em extensão e imprecisão sua geografia espiritual significa também que a igualdade e infinitude de suas planícies são expressões de uma alma que encarna, por sua vez, uma imprecisão idêntica, uma dificuldade de definição do tipo nacional russo e da individualidade deste povo. Nesta alma existe entre a natureza e a terra um liame interior. A dificuldade de vencer as imprecisões dando-lhe forma é correspondente a dificuldade do homem russo em superar a dominação da terra e de seus elementos. A dificuldade da disciplina caracteriza ao mesmo tempo o homem e o solo. A alma dispersa na planície sem limites ignora contornos e não encontra barreiras para sua vida. É uma alma apocalíptica por natureza, sensível ao fluído místico e que flutua para horizontes infinitos onde procura encontrar o fim do mundo. Há nela uma necessidade de errar pelas planícies, tão bem personalizadas pelas figuras dos andarilhos e vagabundos em profusão. A alma russa é capaz de chegar à embriaguez pela sua própria perda e está mais disposta a experiências radicais do que seriam capazes as almas européias mais precisamente moldadas por limites. Na poesia de Tyutchev a questão está assim colocada: a Rússia não se pode apreender por processos intelectuais, não se pode medi-la com um metro ordinário, ela tem estatura e forma própria. Só se pode *acreditar* na Rússia. Faz-se necessário trazer a luz suas virtudes teológicas e de fé, de esperança e caridade, se quisermos compreendê-la. (cf. BERDIAEFF, [194-?])

Dostoiévski considera em *Os Demônios* tal disposição para experiências radicais numa reflexão acerca dos desdobramentos de uma nova época. Época que céu e inferno se fecham diante do homem novo. Seu pensamento nega toda realidade mundana que se apresenta como estável e final. E identifica as inconsistências e contradições do pensamento como expressões de um conflito espiritual fundadas inteiramente no coração da existência em si, e que jamais podem ser disfarçadas pelo mérito de uma façanha qualquer que conduza a uma unidade lógica. O coração da existência recebe os contornos da integralidade da personalidade. E é na raiz da personalidade que a liberdade é realizada. Sobre esta liberdade não se pode dizer o que ela é, apenas *sofrer* o fato de ser livre. Dostoiévski afirma esta liberdade como sendo “uma marca de Deus: assim como Deus é livre, o ser humano também o é. Todavia, no regime da natureza essa liberdade degenera, pois o ser humano logo toma consciência da dificuldade que tem para ser livre [...]” (PONDÉ, 2003, p. 177).

Personalidade só pode ser reconhecida como uma subjetividade infinita que está atada ao segredo da existência. Do contrário encontramos a subordinação do infinito ao finito: o relativo tornado absoluto que desconsidera as fontes da Revelação. E este é o núcleo da reflexão de Dostoiévski em *Os Demônios*, a moral decorrente do ateísmo que pretende realizar o progresso do homem e a organização do mundo numa relação entre partes e todo acaba por perder de vista o valor absoluto do homem. Desta maneira, o valor humano é considerado de acordo com sua função numa nova humanidade-mecânica, o homem torna-se meio para execução de determinados fins. Não tem valor em si. Refém de uma logística absurda, justificada pelo afeto exacerbado a um sistema e a dedução abstrata.

A idéia cristã do Reino de Deus e a consciência escatológica cristã que encontramos nas obras de Dostoiévski não tem nenhuma conexão com a idolatria pela santidade na história, assim como, com a idolatria pela santidade revolucionária, democrática, socialista, com a idolatria por sistemas filosóficos que acabam por dissolver a personalidade num todo impessoal, ideal ou orgânico. E, principalmente, com a idolatria pela santidade do si mesmo. Trata-se antes, de uma colisão entre o amor apaixonado pelo mundo e o amor que vem do Alto, com a piedade por este mundo como mundo de sofrimento. A “liberdade que não tem conhecimento da compaixão se torna demoníaca. O percurso dos homens não é somente ascendente, mas também descendente” (BERDYAEV, 1944,

p. 10). Isto porque, segundo Ponde (2008): sendo fruto da ação criadora de Deus sobre o Nada in-criado vive sob ameaça contínua deste parentesco com o não-Ser. Nisto está a semelhança com Deus e a porta de entrada do princípio diabólico.

A liberdade com nada pode ser identificada, porque é por definição livre. Toda identificação, ou confusão da liberdade será uma negação, um ato de constrangimento. O bem obrigatório não é o bem; ele mergulha no mal, no nada. Mas o bem livre, verdadeiro, supõe a liberdade do mal. Nisto está encerrado o mistério que Dostoiévski apreendeu em profundidade. Uma dialética trágica que acompanhamos com Berdiaeff:

[...] o bem livre supõe a liberdade do mal. Mas a liberdade do mal conduz à destruição da própria liberdade, à sua degenerescência numa necessidade má. Por outro lado, a negação da liberdade do mal e a afirmação exclusiva do bem terminam igualmente na negação da liberdade, na sua degenerescência numa necessidade boa. Necessidade boa que já não é o bem, porquanto não há bem senão na liberdade. [...] O pensamento cristão sempre esteve oprimido por dois fantasmas, o da má liberdade e o do bom constrangimento. A liberdade sucumbiu, quer pelo mal que se descobria nela, quer pela obrigação do bem. [...] O que existe não é somente a liberdade na verdade, mas a Verdade sobre a liberdade. ([194-?], pp. 79-80)

O homem teve medo do fardo doloroso da liberdade do espírito e numa permuta miserável adere à idéia de uma organização obrigatória da existência, com base na felicidade e união universal, dissimulando à consciência humana a própria idéia de liberdade. Lógica da luta contra Deus onde o mal e o sofrimento são deslocados para fora do homem em nome do “amor” ao bem. Porém, para Berdiaeff a verdade sobre a liberdade deve considerar:

A presença no fundo de todo ser desta liberdade irracional, pela qual é revelada a fonte primeira do mal, é a condição para compreender este mundo, para guardar a fé no seu sentido mais profundo, para conciliar a existência de Deus e do mal. Não há no mundo tanto mal e sofrimento senão porque a liberdade repousa no seu fundamento. Sem dúvida, pelo preço de sua arrenegação poder-se ia evitar o mal e o sofrimento. O mundo seria, então obrigatoriamente bom e feliz. Mas ele teria perdido sua semelhança com Deus. Pois esta semelhança reside antes de tudo na liberdade. (Ibid, p. 100)

Na negação da liberdade irracional o mundo deveria obrigatoriamente ser racionalizado, um formigueiro feliz, impenetrável a qualquer sentido que anima o mundo divino, regido com base na mera necessidade. Para Dostoiévski o resultado deste racionalismo sobre a liberdade ilimitada levará ao poder ilimitado da necessidade, e no pensamento ao despotismo ilimitado, o domínio da vida. Em resposta ao eterno argumento contra Deus, o da existência do mal, ele nos responde com suas obras, que Berdiaeff formula da seguinte maneira:

Deus existe justamente porque o mal e o sofrimento existem no mundo, a existência do mal é a prova da existência de Deus. Se o mundo consiste unicamente no bom e no bem, então Deus seria inútil, o próprio mundo seria Deus. Deus é porque o mal é. O que significa que Deus é porque a liberdade é. (Ibid, p. 102).

Dostoiévski demonstra a existência de Deus na liberdade do espírito humano, negar o mal é negar a Deus e a liberdade. O mundo regido pelo constrangimento do bem, pela necessidade, seria um mundo regido pelo mecanismo racional. Neste estado de condução do mundo a personalidade é destruída. A liberdade é trágica, o destino da liberdade humana é o destino da liberdade do próprio Deus e reside no centro da existência, como um mistério original. Suas reflexões sobre a liberdade estavam ligadas a realidade do glamour sobre o mal existente. Porém, seu olhar atento não fixava somente o horror do homem que nega Deus, mas principalmente, o levou também a compreensão de sua grande estatura.

Compreensão intimamente ligada a realidade do mal e do pecado conforme seguimos na citação do próprio Dostoiévski em Diário de um Escritor:

É claro e inteligível, a ponto do óbvio, que o mal se encontra na profundidade dos seres humanos, ao contrário do que supõem nossos médicos-socialistas; que nenhuma estrutura social eliminará o mal; que a alma humana sempre permanecerá a mesma; que a anormalidade e o pecado emergem desta mesma alma; e, finalmente, que as leis da alma humana são ainda tão pouco conhecidas, tão obscuras para a ciência, tão indefinidas e tão misteriosas, que não existe e não poderá existir nem médicos nem juízes *fnais*; [...]. O juízo do homem sobre si mesmo deveria levá-lo ao conhecimento que ele não é o juiz final; que ele mesmo é um pecador; que a medida e a escala que tem em suas mãos resultarão em absurdos *se* ele, de posse desta escala e desta medida, não submeter a si mesmo à lei do mistério ainda não solucionado e voltar-se para a única solução – a Misericórdia e Amor. (2000, p. 1071)

Segundo Ivanov em seu ensaio sobre Dostoiévski:

[...] não podemos ignorar o fato que a negação do mal inerente à natureza dos homens empobrece e embota nossa concepção sobre a missão verdadeira do homem, sobre sua magnitude trágica e dignidade metafísica. Assim o humanismo, por exemplo, não conhece ideal mais alto além do desenvolvimento geral e harmônico das fontes naturais da personalidade. Ou seja, personalidade vista como um fenômeno historicamente condicionado na esfera de nossa civilização. Esta é a atitude de um otimismo antropológico que não se atreve a admitir o “Pecado Original” – autodeterminação exercida pela vontade humana na ocasião da Queda e todas as conseqüências deste evento metafísico – e que prefere considerar o homem como um produto da evolução natural; sem perceber que com esta noção o homem é mais degradado do que enobrecido. E ainda, convida o homem a renunciar de seus mais altos privilégios no lugar de encorajá-lo a prevalecer para além de si mesmo. (1952, pp. 124-125)

E continua:

Dostoiévski não menciona os demônios com objetivo de “persuadir nossos contemporâneos ilustrados sobre a presença espectral do poder do mal em nossa cientificamente, bem estabelecida e investigada civilização: seu propósito é simplesmente mostrá-los [em ação]” (Ibid, pp. 120-121). De Lubac (1998, p. 291) afirma que sua reflexão, sustentada no cristianismo, o leva das profundezas de seu coração a percepção que no plano da razão não existe resposta: Cristo não veio ao mundo para explicar o sofrimento ou resolver o problema do mal: ele toma o mal em seus próprios ombros para levá-lo de nós.

O mal em suas obras se encontra em ato, atividade pura do Nada que nos fundamenta junto com a liberdade. E nos ameaça quando vivida como a incorporação da desgraça em ação – despedaçamento, decomposição, desconstrução – vetor que aponta para a descrição. Esta é a grande experiência (a experiência do niilismo) que encontramos nas obras de Dostoiévski, e que Ponde (2008) identifica em seu ensaio como a *Inteligência do Mal*. Ela toca a escatologia pessoal e cosmológica, mas também, se encontra na esfera de uma teologia da Providência Divina na medida em que contemplamos uma “mística da agonia” (Ibid), presente na tradição cristã monástica, a mística do deserto.

Por outro lado, a negação do mal para Dostoiévski nega a progenitura do homem, nega a profundidade de sua verdadeira natureza, e ainda, nega a liberdade do espírito humano e a responsabilidade que lhe é inerente. O mal é sinal que existe no homem uma profundidade interna ligada à personalidade; só a personalidade pode criar o mal e responder por ele, uma força impessoal não seria

capaz de ser responsável pelo mal. A concepção do mal e da liberdade em Dostoiévski está ligada à sua concepção de personalidade. Negar a personalidade é também negar o mal, se existe no homem a personalidade em profundidade, então o mal tem fonte interior e não pode ser resultado de circunstâncias externas. Convém ao homem, por sua filiação divina, pensar que o caminho do sofrimento resgata e consome o mal. Porque o sofrimento no homem é justamente o indício de sua profundidade. (Cf. BERDIAEFF, [194-?], pp. 107-109)

Finalizando, Berdiaeff afirma que as fontes espirituais dos tempos modernos encontram-se esgotadas. Os véus da mentira tombam deixando descobertos a nudez do bem e do mal. “A noite não é menos maravilhosa que o dia [...] ela tem revelações que o dia ignora. A noite tem mais familiaridade com o mistério das origens do que o dia” (BERDIAEFF, 1936, p. 91). Diante das trevas os contornos e limites desaparecem. Todo o sentido de nossa época reside em “pôr-se a nu o abismo do ser, neste face a face com o princípio da vida, no descobrimento da herança fatal” (Ibid, p. 93). Entramos num período movediço da história. O poeta da noite elemental, Tiútchev, escreve seus versos ainda à luz do dia histórico. Ele é um precursor da noite histórica em que encontramos comprometida a nossa época. Onde Tiútchev profetiza um ceder à noite, Dostoiévski consagra suas obras às enormes subversões e catástrofes que se deveriam seguir ao dia histórico. Ele nos obriga a atravessarmos o deserto e contemplarmos o abismo sem véus, caminho inevitável para o reconhecimento da herança fatal.

Neste caminho ele não tratou o mal em suas obras do ponto de vista da lei. Dostoiévski buscou reconhecer o mal. Reconhecimento como um caminho que o homem deve seguir, seu destino trágico, destino de sua liberdade, e experiência suscetível de levá-lo ao conhecimento de si mesmo. Experiência interior que acaba por demonstrar o Nada do mal, e que no decorrer desta experiência o confunde e o consome. Pois não se expia o mal por um castigo exterior, mas pelas consequências inelutáveis que traz em si (BERDIAEFF, [194-?], p. 110).

Ponde (2008) afirma que o mal não pode ser compreendido simplesmente como uma opção ao bem e que uma resposta descritiva sobre *o que é o mal* pode não ser a melhor forma de abordá-lo. Antes de tudo, o mal está relacionado com nossa ontologia e toca nossa intimidade afetiva, moral e intelectual. O mal revela nosso movimento interno e o modo como ele se configura no mundo. O entendimento da verdade sobre nós mesmos e sobre o mundo só é possível se não “olharmos o mal por fora, mas sim por dentro, luxo particular nosso, e nos reencontrarmos como seu agente sublime que é cada um de nós. [...] O conhecimento do mal implica a noção de travessia, não há como vê-lo de perto sem irmos ao deserto de nós mesmos e do mundo” (Ibid, p. 208).

A vida para Dostoiévski se dá justamente nesta travessia, e é antes de tudo o resgate de uma falta pelo sofrimento, e que deve ser sempre compreendida no eixo da liberdade humana. Mas, a liberdade é irracional e antinômica, e comporta assim, a experiência da liberdade do bem e a experiência da liberdade do mal, sendo que, o bem livre com nada pode ser identificado. Assim, consideramos com Evdokimov (1978): seria possível conceber a vitória sobre o mal somente com a experiência do bem? Dito de outra maneira, não seria a experiência da liberdade do bem justamente a experiência direta do conhecimento do mal?

## **Referências Bibliográficas**

- [1] BERDIAEFF, Nicolai ([194-?]). *O Espírito de Dostoiévski*. Trad. Otto Schneider. Rio de Janeiro: Editora Panamericana.
- [2] BERDIAEFF, Nicolau (1936). *Uma Nova Idade Média: reflexões sobre o destino da Rússia e da Europa*. Trad. Tasso da Silveira. Rio de Janeiro: José Olympio Editora.
- [3] BERDYAEV, Nikolai (1944). *Slavery and Freedom*. New York: Charles Scribner's Sons.
- [4] DE LUBAC, Henri S.J. (1998). *The Drama of Atheist Humanism*. San Francisco: Ignatius Press.
- [5] DOSTOEVSKY, Fyodor (2000). *A Writer's Diary 1877-1881*. v. II. Translated and Annotated by Kenneth Lantz. Illinois: Northwestern University Press.
- [6] DOSTOEVSKY, Fyodor (1968). *The Notebooks for The Possessed*. Edited by Edward Wasiolek. Translated by Victor Terras. Chicago: The University of Chicago.
- [7] DOSTOIÉVSKI, Fiódor. Mikháilovitch (2004). *Os Demônios*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34.
- [8] DOSTOIÉVSKI, Fiódor. Mikháilovitch (2000). *Memórias do Subsolo*. Trad. Boris Schnaiderman. São Paulo: Editora 34.
- [9] EVDOKIMOV, Paul (1978). *Dostoïevski et le problème du mal*. Paris: Desclée De Brouwer.
- [10] IVANOV, Vyacheslav (1952). *Freedom and Tragic Life: a study in Dostoevsky*. London: Harvill Press.
- [11] PONDÉ, Luiz Felipe (2003). *Crítica e Profecia: A Filosofia da Religião em Dostoiévski*. São Paulo: Editora 34.
- [12] PONDÉ, Luiz Felipe (2008). Teologia do Niilismo: a inteligência do Mal. In: CADERNO DE LITERATURA E CULTURA RUSSA. Dostoiévski. São Paulo, nº 2, mai. 2008. Curso de Língua e Literatura Russa do Departamento de Línguas Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. USP, pp. 197-216.
- [13] TARKOVSKIAEI, Andreaei Arsensevich (1998). *Esculpir o Tempo: Tarkovski*. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes.

---

## **Autora**

<sup>1</sup> **Jacqueline SAKAMOTO, Profa. Ms. - Pesquisadora**

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP)

NEMES – Núcleo de Estudos em Mística e Santidade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Religião

jacqueline.sakamoto@gmail.com